

RESENHA

POTTIER, B. (1992) *Sémantique Générale*. Paris: PUF, 237 pp.

Resenhado por: Maria Helena ARAÚJO CARREIRA (Université Paris VIII)

Key-words: semantics; mental representations; topology; linguistic expression.

Palavras-chave: semântica; representações mentais; topologia; expressão linguística.

Esta obra¹, na sequência de Systematique des éléments de relation (1955/1962), Linguistique Générale. Théorie et description (1974) e, muito particularmente, de Théorie et analyse en Linguistique (1987) é, como no-lo-diz o Autor, no seu "Avant-propos", "mais um livro de sugestões do que uma recolha de factos, mais um enquadramento organizador do mundo do sentido do que um tratado estrito de descrição semântica" (p. 12).

A semântica geral, segundo Bernard Pottier, "preocupa-se com mecanismos e operações relativos ao sentido, através do funcionamento das línguas naturais", isto é, "tenta explicitar os elos que existem entre os comportamentos discursivos num dado envolvimento, constantemente renovado, e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos utilizadores das línguas naturais" (p. 11). Assim, a reflexão do lingüista segue um "percurso entre o individual e o universal, através do cultural" (p. 11) procurando conciliar "a extensão e a variedade das manifestações lingüísticas ... e a necessidade duma apresentação relativamente simples dos funcionamentos profundos da língua" (p. 11).

O Autor faz apelo a uma "esquematisação visualizada" -que, como no-lo lembra, utiliza há quatro decénios- por constituir "o meio mais adequado para evocar os percursos mentais mais prováveis na

construção do sentido" (p. 12) (tanto do ponto de vista da produção como do da compreensão).

O livro divide-se em quatro partes subdivididas em 15 capítulos e seguidos de uma conclusão (pp. 223-227). As quatro grandes divisões são as seguintes: 1- As semânticas e a lingüística (pp. 13-58); 2- Conceptualização e Universais (pp. 59-117); 3- O pôr em esquemas (fr. "La mise en schèmes") (pp. 119-153); 4- Os alvos enunciativos (fr. "Les visées énonciatives") (pp. 155-223).

Dados os limites de espaço serão aqui apresentados unicamente certos capítulos². As citações serão traduzidas e os exemplos adaptados ao português.

A 1ª parte (cap. I - cap. V) - "As semânticas e a lingüística"- relacionando os diferentes componentes da comunicação com as ópticas do emissor, do receptor e do lingüista, e não esquecendo o envolvimento lingüístico e não lingüístico da mensagem- apresenta sete domínios semânticos, alguns tipos de comunicação e seus percursos. Segue-se uma reflexão polifacetada sobre o signo lingüístico e sobre modelos abstractos susceptíveis de dar conta da complexidade das manifestações lingüísticas.

Cap. I "Os componentes dinâmicos da comunicação (pp. 15-22)

O lingüista tende a reconstituir a comunicação no seu duplo percurso, o onomasiológico (o do emissor/enunciador) e o semasiológico (o do receptor/interpretante). O enunciador parte de um referente (concreto ou abstracto, real ou imaginário), conceptualiza o seu QUERER DIZER, isto é, "põe em cena" mentalmente ("mise en scène" p. 18) e semiotiza (escolha de signos numa dada LN e escolhas sintácticas, "mise en signes et en schèmes") essa representação mental, apropriando-se assim das virtualidades da língua para a enunciação do seu discurso, isto é, "põe em cadeia os signos" ("mise en chaîne" p. 18). "O discurso observado é único, sempre específico, uma espécie de hapax contínuo" (p. 17). O interpretante, por seu turno, parte do discurso produzido ("texto, oral ou escrito") e, graças ao seu SABER, identifica os elementos discursivos, constrói uma hipótese interpretativa que o leva a

compreender a mensagem, a conceptualizar, desligando-se assim dos signos lingüísticos ("que lhe serviram de trampolim para a compreensão" p. 17). O interpretante pode em seguida tornar-se enunciador e o primeiro enunciador interpretante, e assim por diante.

A "borboleta semântica" (p. 19) é uma figura globalizante que situa as quatro principais zonas complementares da comunicação verbal e as quatro semânticas (ligadas a essas zonas), "constitutivas da *démarche* lingüística": referencial, estrutural, discursiva e pragmática. Estas semânticas, que se completam e que coexistem, são desenvolvidas nesta obra. As considerações sintácticas estão presentes a todo o momento, pois a "sintaxe veicula o sentido" (p. 20).

Acrescentam-se às quatro semânticas constitutivamente lingüísticas, três outros tipos de semântica, denominadas "semânticas independentes": a semiótica textual, as semiologias paralelas, as semânticas não-lingüísticas.

Alguns elementos para caracterizar cada uma das semânticas: 1. semântica referencial: "trata das relações entre o mundo, a conceptualização e os sistemas das línguas naturais. Estuda o fenómeno da designação ... (p. 20); 2. Semântica estrutural: procura "elucidar as motivações da escolha dos signos numa L N determinada ..." (ib.); 3. Semântica discursiva: "descreve os mecanismos de passagem da língua ao discurso e inversamente ..." (ib.); 4. Semântica pragmática: "tem em conta as relações de SABER e de QUERER" entre os interlocutores, as quais determinam em grande parte o conteúdo e a forma das mensagens" (ib.); 5. Semiótica textual: "tem por objecto as realizações lingüísticas mais ou menos vastas (poemas, novelas, romances ...) e tenta extrair delas as grandes estruturas organizadoras do SENTIDO ... abandona necessariamente várias especificidades ligadas à riqueza de manifestações próprias da língua natural ... (pp. 20-21); 6. Semiologias paralelas: "agrupam o conjunto de sistemas semiológicos que são utilizados em paralelo com o sistema lingüístico ... O comportamento do interlocutor, os seus gestos, as suas mímicas, a sua utilização do espaço podem e, muitas vezes, devem ser integradas na descrição da mensagem" (p. 21); 7. Semânticas não lingüísticas:

"foram criadas para elas mesmas e só secundariamente utilizam exemplos tirados das línguas naturais" (ib.).

Cap. II "O envolvimento da mensagem" (pp. 23-38); Cap. III "As semiologias paralelas" (pp. 29-32); Cap. IV "À volta do signo lingüístico" (pp. 33-46)

Cap. V "Os modelos semânticos" (pp. 47-58)

Aos lingüistas não bastam nem figurações icónicas demasiado próximas da realidade (B. Pottier postula "a abstracção necessária a um nível conceptual utilizável" p. 47) nem relações matemáticas cujos elementos são unívocos, ao contrário das línguas naturais em que a polissemia dos termos é sempre possível ("o jogo semântico é constante na prática da linguagem" p. 47).

Partindo do quadrado da lógica clássica e do quadrado semiótico (que se inspira no quadrado lógico) com os seus quatro pólos equidistantes, contrários ou contraditórios, B. Pottier propõe uma "disposição cíclica [que] permite seguir melhor as evoluções que caracterizam a experiência do mundo O ciclo permite seguir tantas etapas do processo quantas queiramos" (p. 52-53). Assim, aos "termos polares, pontuais" do quadrado, acrescentam-se no ciclo "termos medianos, vagos" (p. 50). Uma outra representação, segundo o modelo dos conjuntos projectado num eixo contínuo, retoma o quadrado, acrescentando-lhe zonas de assimetria.

O contributo do matemático René Thom com a sua Teoria das catástrofes (descrições geométrico-algébricas e esquemas) é considerável. B. Pottier explora a Teoria das catástrofes com vista "à representação mental dos eventos, sub-categorizando os esquemas, enriquecendo-os, a fim de elaborar uma grelha mais próxima da complexidade das realizações da linguagem" (p. 58).

A 2ª parte (cap. VI - VIII) - "Conceptualização e Universais" apresenta primeiramente as diferentes etapas que conduzem da percepção à conceptualização (esta operação precede a operação de semiotização) e, em seguida, a distinção entre conceitos, noemas e universais e sua exploração lingüística; por fim, apresenta a

caracterização dos componentes do evento -entidade e comportamento-, a distribuição dos eventos em áreas, suas representações em esquemas analíticos e orientações para a sua exploração lingüística.

Cap. VI "Da percepção à conceptualização" (pp. 61-69)

Cap. VII "Conceitos, noemas e universais" (pp. 70-90)

Apesar da variedade de línguas, há características comuns a todas elas. Tem havido tentativas de etnolinguístas e de linguístas para estabelecer conceitos fundamentais ou "primitivos", por vezes, segundo B. Pottier, demasiado ligados às LN.

Assim, B. Pottier distingue: conceitos gerais (CG) ou, simplesmente, "conceitos", relativos aos seres, às coisas, às propriedades e às actividades "inevitáveis" (englobam os seres e as coisas do mundo (percepções discretas do mundo), assim como as propriedades e as actividades inevitáveis (experiências comuns aos humanos) p. 71 - de notar que, além da "experiência comum", há uma "componente cultural" (p. 72) - e os conceitos universais (CU) ou "noemas" (p. 78), isto é, "representações relacionais abstractas da experiência, mas cujas marcas lingüísticas tomam formas muito variadas nas LN" (p. 71). A gramática é entendida como "abstracção generalizante da experiência humana" (p. 72).

Os "campos de aplicação" espacial, temporal e nocional, têm como ponto de referência o EGO (p. 73). Assim, temos uma imagem mental comum que se aplica ao espaço, ao tempo e ao campo nocional (ex. [f] em / na casa, na manhã (de segunda feira), na dúvida, p. 73). O termo "topologia" aplica-se aos três campos (espacial, temporal e nocional, p. 74). "A figura noémica (noémia) espacial mais geral, variante do esquema trimorfo (cf. p. 57),



Figura 1: Figura noémica espacial (p. 74)

permite estudar as variantes conceptuais de cada uma das zonas. Por exemplo, para a zona da aproximação, aproximação "com ou sem contacto, com movimento interrompido ou não ... A interioridade/exterioridade tem variantes e levanta o problema dos limites" (p. 75).

A noção de POTÊNCIA + ou - (entidade dotada ou não de POTÊNCIA) - QUEM faz o QUÊ - "funda a relação actancial nuclear em torno da qual se organizam as diateses, os sistemas casuais, os eixos de actância e de dependência"(p. 75). E necessário não esquecer que o enunciador " não é um simples descritor do mundo", ele interpreta e "manifesta linguisticamente a sua reacção pessoal", isto é, modaliza o seu discurso.

São quatro as "grandes categorias modais universais": "alética: independência do EU; epistémica: o pensamento do EU; factual: o fazer do EU; axiológica: o julgamento do EU" (p. 76).

O noema, ao nível mais abstracto, está apto a tomar valores específicos, segundo o "campo de aplicação" (espacial, temporal, nocional e modal). São representados os noemas de interioridade, de aproximação e de transposição (v. p. 78). "Um noema aparece pois como uma relação abstracta universal subjacente às operações semânticas gerais das línguas, e é visualizável a fim de se aproximar o mais possível da intuição duma representação mental partilhada" (p. 78).

Há que distinguir os níveis conceptual, sintáctico e pragmático. Ao nível conceptual, fala-se de "agente do evento"; ao nível sintáctico, de "sujeito do enunciado"; ao nível pragmático, de "tema intencional". No caso do "agente", estabelece-se uma relação orientada de /+POTÊNCIA/-->/-POTÊNCIA/; no caso do "sujeito", este encontra-se na maior parte das línguas (95%) antes do objecto (com efeito, o sujeito gramatical manifesta frequentemente o agente). Quanto ao "tema intencional" ele serve de suporte a um rema, isto é, algo que se lhe acrescenta (um "aporte"), segundo a finalidade do discurso do enunciador. Daí que em muitas línguas a repartição preferida seja tema+rema (a finalidade principal da mensagem é expressa em posição de rema). O "resultado discursivo" não respeita

necessariamente a "cronologia do pensamento" nem "a ordem do modelo de língua" (ex. "o peixe, o gato viu-o bem" (p. 89).

Cap. VIII "O evento" (pp. 90-117)

São duas as noções constitutivas da noção de evento, a entidade (E) e o comportamento (C). Por exemplo: "falar de "sorriso" implica um ser ao qual se vai aplicar esse comportamento. As entidades discretas do mundo podem ser caracterizadas por comportamentos múltiplos" (p. 90). Assim, o "evento elementar" relativo ao par /ExC/ pode revestir as formas canônicas seguintes (v. p. 91):

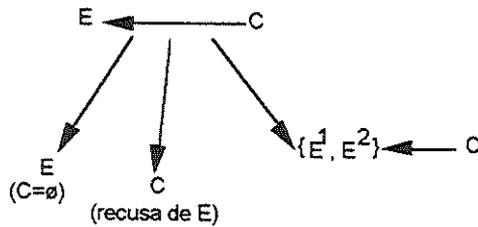


Ilustração em língua natural (português):

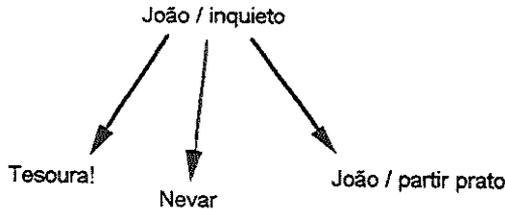


Figura 2: Evento elementar

Chegamos assim à noção de "propósito" (fr. propos) definido como "conjunção de base teoricamente desligada dos alvos (fr. visées) múltiplos que o enunciador poderá aplicar-lhe" (p. 92). A esta construção teórica, base mínima, acrescentam-se as "formulações" que correspondem ao "conjunto de opções do enunciador, umas "expressas obrigatoriamente (morfologias ligadas), outras facultativamente (morfologias livres)". Assim, ao nível discursivo, o "propósito" aparece quase sempre acompanhado de "formulações".

As componentes essenciais do "evento", representadas visualmente através do "esquema analítico" (fr. schème analytique) - B. Pottier inspira-se nas representações de catástrofes do matemático René Thom - estão na base das "áreas do evento" (fr. aires événementielles), "suporte semântico de vocação universal" (p. 97), ao qual reenviam as especificidades das línguas naturais.

As "áreas do evento" são cinco e organizam-se a partir da "entidade". Temos assim as áreas da "existência" (ex. eis um cão), da "propriedade" (ex. ele é branco), da "actividade" (ex. abana a cauda), da "localização" (ex. está em cima do tapete), e da "cognitividade" ("domínio das sensações, da intelecção, da modalização" (p. 95) ex. conhece o seu nome).



Figura 3: Áreas do evento (p. 96)

Cada área se desenvolve entre dois pólos. A área a (propriedade) desenvolve-se entre o pólo mínimo (simple caracterização estática; ex. João é louro) e o pólo máximo de actividade (afecção máxima; ex. João é agredido por bandidos), papel de paciente, dito "passivo" (p. 99), "caso limite da variável agente na área a das propriedades" (p. 100). A atribuição condicionada (ex. João está inquieto com os acontecimentos) e a atribuição com agente (ex. João está acompanhado de sua mulher) ocupam posições intermédias.

A área l (localização) diz respeito aos "domínios espacial (E), temporal (T) ou nocional (N)" (p. 101). Tal como relativamente à área a, encontra-se aqui o "grau de agentividade" (p. 102).

Daí uma "simetria entre as áreas a e l" (ex. João foi perseguido/pelo cão (l); João foi ferido/pelo cão (a)). "São numerosas

as línguas, que exprimem a "posse" pela localização pessoal" (p. 103)
ex. fr. ceci est à vous - isto é do senhor.

A área b compreende uma gradação de actividades involuntárias (ex. ele respira) e voluntárias (ex. andar).

A área m, a da "cognitividade", "engloba a percepção pelos sentidos e todas as actividades intelectuais" (p. 105). O pólo do ter/saber aproxima-se da área a, a da "propriedade" ex. ter carro, (tipo de saber normalizado culturalmente); o pólo dos sentidos e da intelecção aproxima-se da área b, a da "actividade" (ex. contacto m/a: ter satisfações/ estar satisfeito; contacto m/b: ler o jornal/ cortar o jornal, p. 106). De notar que muitos verbos de sensação e de intelecção como "ver", "sentir", adquirem um valor modal ex. vejo o João ---> vejo que não tens razão; sinto barulho ---> sinto que me vou abaixo (p. 107). Há, no entanto, numerosos lexemas que têm já à partida um valor modal (ex. querer, poder, dever, valer, convencer, lamentar, dissuadir ... p. 107).

Para exprimir a "rosácea dos possíveis" o enunciador tem ao seu dispor uma "multiplicidade de escolhas predicativas", segundo "as possibilidades formais da sua LN" ("polissemiose") ... "A LN oferece soluções parassinonímicas, por conseguinte semelhantes e, ao mesmo tempo, diferentes do ponto de vista semântico" (p. 107). Por exemplo: esta cerveja contém álcool (cf. localização) / é alcoolizada (cf. propriedade) / cheira a álcool (cf. cognitividade).

No que respeita a representação mental do comportamento podemos distinguir o estatuto "ESTATIVO" ("permanência no tempo sem que se encare uma mudança", identidade do processo em dois instantes, ti e tj, ex. neva, passeio, escrevo) e o "EVOLUTIVO" ("marca uma mudança lenta ou não", ex. deixou de nevar, levanto-me) (p. 108). Não se deve no entanto esquecer que, "face à não permanência das coisas do mundo, podemos dizer que tudo é mudança, evolução e que o ESTATIVO não é senão uma "paragem da imagem" dum EVOLUTIVO de base" (ib.). Por outro lado, "uma mudança pode ser natural (isto é, não sugerir causação) ou provocada. Neste caso, um causador pode desencadear o evolutivo: é

o CAUSATIVO" (ex. o guarda fez-me sair do jardim; o barulho do motor acordou-me) (p. 109).

Da combinação das cinco áreas do evento e dos três estatutos do comportamento resultam quinze configurações gerais exemplificadas aqui por lexias do português (v. quadro p. 110):

ESTATIVO (existência) \exists o problema existir (propriedade) α X estar frio (actividade) β X dançar (localização) λ X estar próximo de L (cognitividade) μ X saber o nome	EVOLUTIVO o problema levantar-se X arrefecer X pôr-se a dançar X aproximar-se de L X esquecer o nome	CAUSATIVO C levantar o problema C arrefecer X C fazer dançar X C aproximar X de L C fazer conhecer o nome a X
---	---	--

Estas configurações de base são representadas visualmente através de "esquemas analíticos" (a entidade é representada por uma linha (v. p. 110-111). Por exemplo:

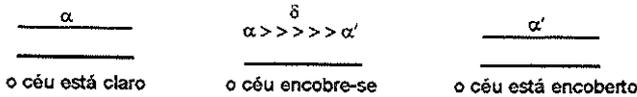


Figura 4: Esquemas analíticos de base

Neste caso, a e α' representam propriedades, d a mudança.

O esquema analítico da troca (fr.schème analytique de l'échange) é o seguinte (p. 112):

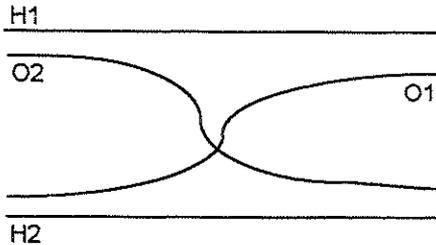


Figura 5: Esquema analítico da troca

Retendo "a morfologia do evento" (p. 113), teremos o seguinte esquema analítico para o transfert:

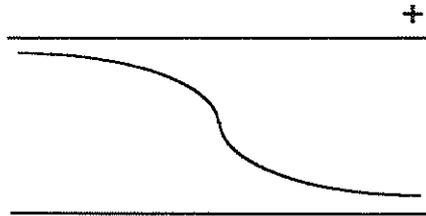


Figura 6: Esquema analítico do transfert

No caso de transfert de localização, teremos uma versão da área l; por ex. João põe o livro em cima da mesa; João entrega o livro ao professor; e uma versão da área m (transfert baseado num saber); por ex. A dar informações a B (p. 114).

Os tipos de esquemas analíticos são apresentados num quadro cujas entradas são as cinco áreas do evento e os estatutos do comportamento (v. p. 116-117). A visualização dos componentes essenciais do evento através de esquemas analíticos, permite dar conta, ao nível conceptual, das mais variadas realizações linguísticas.

3ª parte "O pôr em esquemas" (fr. La mise en schèmes): Cap. IX "A semiotização" (pp. 121-133). Cap. X "O percurso diatético" (pp. 134-153).

4ª parte (cap. XI-XV pp. 157-223) "Os alvos enunciativos" (fr: "Les visées énonciatives")

"Ao esqueleto informativo do PROPÓSITO (fr. propos), representado ao nível conceptual, pelo "esquema analítico" (SA), aplicam-se os alvos enunciativos expressos, num grande número de línguas, através da morfologia gramatical. Os alvos enunciativos distribuem-se pelos domínios semânticos seguintes: ACTÂNCIA e DETERMINAÇÃO; ASPECTO e TEMPO - domínios intimamente ligados - e MODALIDADE, domínio que se aplica aos outros quatro.

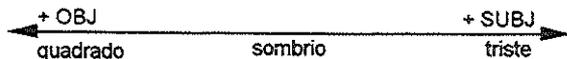
De notar que estes alvos enunciativos podem ser expressos através do próprio léxico. Por exemplo (p. 158): bonito: Axiologia (modalidade subjectiva); égua: sexo (propriedade de determinação); multidão: número (propriedade de determinação); rebentar: pontualidade (Aspecto).

O esquema resultativo (SR) (fr. schème résultatif), tem em conta a projecção dos diferentes alvos enunciativos no "esqueleto informativo" (SA) e corresponde à fase terminal de geração do texto.

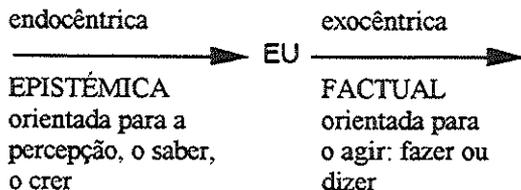
Cap. XI "A determinação" (pp. 159-169); Cap. XII "A actância" (pp. 170-183); Cap. XIII "O aspecto" (pp. 184-203); Cap. XIV "O tempo" (pp. 199-203)

Cap. XV "A modalidade" (pp. 204-223)

"Qualquer propósito é susceptível de ser modalizado pelo enunciador" (p. 204): PROPOSITO (fr. PROPOS) <--- MODALIZAÇÕES. As categorias "modalidade" e "pessoa" estão intimamente associadas. Com efeito, só o "EU enunciador" poderá exprimir "qualquer manifestação fortemente subjectiva" (ib.). Devemos considerar um eixo contínuo cujas zonas extremas correspondam a uma forte objectividade (constatação objectiva) ou a uma forte subjectividade (impressão individual). Por exemplo, no que diz respeito à adjectivação: "esta divisão é quadrada/sombria/triste"



Segundo a relação endocêntrico/exocêntrico, temos as modalidades epistémica/factual:



A modalidade AXIOLÓGICA corresponde ao "julgamento relativo a tudo o que é formulado" (p. 206). A modalidade EXISTENCIAL (ôntica e alética) corresponde, por seu turno, a uma "generalização que se quer independente do EU, portanto universal" (ib.).

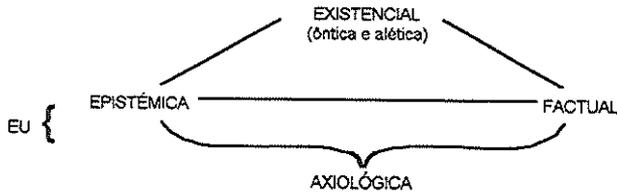
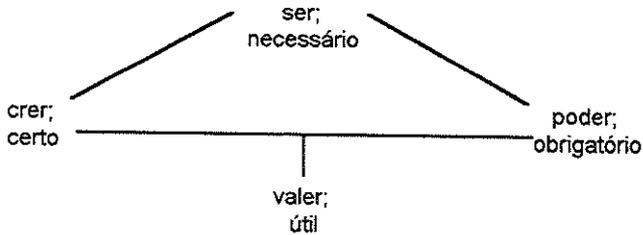
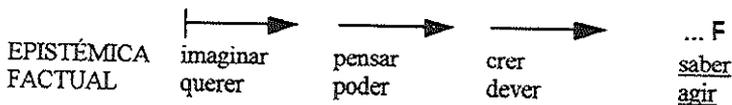


Figura 7: EU e as modalidades

dando um exemplo:



A modalidade pode exprimir-se através de lexemas, de gramemas, das mais variadas construções sintácticas (ex. "desejo partir; o meu desejo é partir; estou desejoso de partir; partir é o meu maior desejo" p. 207). "A mensagem oral pode ser acompanhada de manifestações sonoras (entoação), gestuais ou outras". O Autor sugere a representação dos sistemas em que se organizam as modalidades segundo eixos contínuos nos quais é possível situar conceitos-chave, segundo uma cronologia interna:



De notar que "os termos modais não são exclusivos duma única modalidade" (ex. polissemia de poder e dever) (p. 207).

Há combinatórias modais de grande complexidade resultado de dinamismos variados, de "percursos mentais complexos". Por exemplo, a "interrogação" é essencialmente uma procura de saber. Temos uma modalidade complexa: querer saber (factual + epistémico) (p. 214).

A representação das modalidades através de Esquemas Analíticos (SA) nem sempre é possível. O Autor propõe um SA apto a representar algumas modalidades epistémicas (p. 215) e um outro SA apto a representar algumas modalidades factuais (p. 216).

"Um estudo onomasiológico deveria incluir numerosas construções cujas marcas se podem dificilmente inventariar. Por ex. "em tempo de chuva, abrandar" é um enunciado que reenvia a: se chuva EXISTIR, então DEVER abrandar" (p. 216).

A modalidade axiológica (pp. 218-223) que corresponde ao julgamento de valor do enunciado relativamente ao seu PROPÓSITO (fr. "PROPOS") aplica-se também às outras modalidades. Por exemplo: - o DEVER transforma-se em VALER (ex. tem de ser → vale mais; é preferível); - "o bom, o bem, o belo, qualificações subjectivas (nem verdadeiras nem falsas) sobremodalizam os verbos modais (ex. isso vale bem uma recompensa!; tu bem podes fazer isso (p. 218).

Os gramemas valorativos laudativos (diminutivos, afectivos) e pejorativos, assim como as formas de delicadeza integram-se também na modalidade axiológica, neste caso "naturalmente ligada à semântica pragmática (ib.). Os fenómenos de tematização e de focalização ("hierarquia que o enunciador impõe às diferentes componentes do seu discurso" (p. 220)) assim como outros fenómenos de hierarquização (ex. subordinação, coordenação, ordem dos termos) prendem-se igualmente com a modalidade axiológica. Existe uma motivação semântica subjacente às diversas soluções sintáticas.

Na conclusão (pp. 224-227), Bernard Pottier sublinha que "num percurso enunciativo não se pode pensar que se trata de etapas disjuntas pelas quais se tem de passar numa ordem bem determinada. Existem crono-logias necessárias ... Mas quando temos uma intenção de mensagem, o conteúdo conceptual é composto de grandes linhas do evento (o esquema analítico) e de alvos enunciativos que acompanham e controlam constantemente a enunciação" (p. 224). O esquema analítico construído (SAC) corresponde ao SA dotado dos alvos enunciativos, em função das intenções de comunicação do enunciador. "É como se seleccionasse um momento do SA que tenho a intenção de dizer, continuando a ter subjacente o conjunto do evento sempre disponível em caso de necessidade" (p. 226). "É o esquema construído que figura da maneira mais adequada a representação mental tanto para o enunciador ... como para o interpretante" (p. 227).

A teoria semântica globalizante, desenvolvida em Sémantique Générale por Bernard Pottier (na sequência das suas obras precedentes), genera, harmonizando, diferentes fenómenos e níveis de produção/interpretação em línguas naturais. Assim, o nível discursivo, na sua variabilidade, é situado relativamente a operações de nível superior (lingüístico e conceptual) cada vez mais abrangentes. Um vai-e-vem constante entre abstracção teórica, análise da(s) língua(s) e de comportamentos discursivos percorre toda a obra, graças a uma procura fundamental de sintonias e de contínuos semânticos organizadores do "mundo do sentido".

Sublinhe-se a importância dos estudos de Bernard Pottier posteriores à publicação do livro que acabamos de apresentar brevemente. Trata-se muito em particular de quatro artigos de 1993-1995 sobre a semântica cognitiva e as caracterizações lingüísticas, que o Autor reuniu numa recolha (ainda não publicada) intitulada Sémantique des représentations mentales (Topodynamique cognitive)³, com bibliografia unificada e um índice de conceitos muito completo permitindo ligar entre si os quatro estudos e articulá-los com Sémantique Générale, obra de que são um complemento.

(Recebido em 07/06/1994. Aceito em 22/01/1996.)

NOTAS

- 1 Tradução espanhola: Semántica general. Madrid: Gredos, 1993 (244 p.).
Ao Professor Pottier, o meu agradecimento sincero pela sua leitura atenta duma primeira versão deste meu texto.
- 2 Para uma apresentação completa de Sémantique générale, ver Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas, 1994, II Série, Vol. XI, 147-180.
- 3 As referências bibliográficas dos quatro artigos desta recolha de Bernard Pottier são as seguintes:
Le cognitif et le linguistique. *ARBA*, 3: 175-199. Acta Romanica Basiliensia, juin 1995 (rédaction de septembre 1993).
Les schèmes mentaux et la langue. *Modèles Linguistiques*, 30 (XV-2): 7-50. Presses Univ. de Lille, 1994 (rédaction de mars 1993).
Le temps du monde, le temps de l'énonciateur et le temps de l'événement. *Modèles Linguistiques*, 31 (XVI-2): 9-26. Presses Univ. de Lille, 1995.
Schème mental intégrateur des catégories sémantiques. In *Passion des Formes: Dynamique qualitative, sémiophysique et intelligibilité, à René Thom*: 769-777. Ed. ENS de Fontenay-St.Cloud, 1994 (rédaction de octobre 1993).